

A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DOS SELOS

CAP. 12 - INVASÃO FRANCESA E A FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

No governo de Duarte da Costa ocorreram diversas incursões de corsários de potências europeias, dentre elas a dos franceses. A França não reconhecia o Tratado de Tordesilhas e defendia o princípio do direito à posse da terra por quem a ocupasse, questionando sobre o "Testamento de Adão". Assim, foram duas as tentativas francesas de fixação no território brasileiro: a primeira no Rio, a França Antártica, em 1555 e a segunda, no Maranhão, a França Equinocial, a partir de 1594.

Os franceses aportaram na Baía de Guanabara em 1555, comandados por Nicolau Durand de Villegaignon e se fixaram na Ilha de Serigipe, na Baía de Guanabara. Por dez anos resistiram aos portugueses, organizaram um Arraial e construíram forte de Coligny.

Não só queriam compartilhar a terra do novo mundo, mas explorar o pau-brasil no litoral sul e conseguir um território onde os protestantes franceses pudessem exercer livremente sua religião sem os riscos da inquisição católica.

Fizeram acordos com os índios Tupinambás que, junto com outras nações indígenas, guerreavam com os portugueses contra sua escravização. A união das tribos indígenas contra os portugueses ficou conhecida como a Confederação dos Tamoios.

Em 1560 o novo governador geral, Mem de Sá chega com a primeira expedição contra os franceses, que foram expulsos da baía de Guanabara após a destruição do forte de Coligny.

Em 1563 chegam os reforços de Portugal pedidos pelo governador para expulsar definitivamente os invasores.

Em 1º de março de 1565, Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, uma base na luta contra os franceses e seus aliados indígenas.

Mesmo após a fundação do Rio, os franceses não deixaram a cidade. Em 1567 Mem de Sá manda reforços para para o Rio de Janeiro. A batalha final aconteceu em 20 de janeiro, dia de São Sebastião, no Outeiro da Glória. Os portugueses venceram, mas Estácio de Sá foi ferido no rosto por uma flecha envenenada e morreu um mês depois.

4º Centenário da Fundação da
Cidade do Rio de Janeiro



RHM C-534



RHM C-522



RHM C-544



RHM C-516



RHM C-517



RHM C-515

A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DOS SELOS

CAP. 13 – SEGUNDA INVASÃO FRANCESA

Numa segunda tentativa de invadir o Brasil, os franceses após passarem pelo arquipélago de Fernando de Noronha, desembarcaram, em julho de 1612, na ilha de Upaon-Mirim (atual ilha de Santana) fundando o forte de "Saint Louis" (atual Palácio dos Leões), em homenagem ao soberano, Luís XIII de França. No dia 8 de Setembro de 1612, frades capuchinhos rezaram a primeira missa.

Nesta segunda grande tentativa francesa de subtração de uma parte da Colônia portuguesa para seu usufruto, a ocupação do Maranhão entre 1612 e 1615 – o efêmero estabelecimento da "França Equinocial" –, um herói natural do Brasil, mestiço como boa parte dos que viviam ao longo do litoral, desempenhou papel fundamental para a expulsão do invasor.

Há 400 anos, Jerônimo de Albuquerque era o primeiro brasileiro a assumir o comando de uma força naval empregada em operações militares, uma flotilha formada por embarcações a vela denominadas de caravelões. Foi essa força naval que, por ordens diretas do Rei Felipe III zarpou de Recife em junho de 1613, conduzindo aproximadamente cem homens, para realizar os primeiros ataques aos redutos franceses estabelecidos ao longo do litoral maranhense.

Contudo, o invasor tinha construído uma sólida fortificação na Ilha de São Luís, bem guarnecida por tropas, o que prolongou as operações militares até novembro de 1615. Durante todo esse tempo, Jerônimo de Albuquerque esteve sempre na linha de batalha, à frente de grandes grupos de índios flecheiros ou liderando colunas em marcha pelo sertão, acossando fortes ou comandando caravelões. Participação tão intensa que mereceu do rei a titulação de Capitão-Mor da Conquista do Maranhão e fez com que fosse reconhecido até sua morte, em 1618, pelo nome Jerônimo de Albuquerque Maranhão.



Carimbo Comemorativo dos
400 anos da Força Naval de
Jerônimo de Albuquerque



RHM C-3288
400 Anos da Força Naval sob o comando de
Jerônimo de Albuquerque



RHM C-3231
400 anos da Fundação de São Luis do
Maranhão



RHM C-2898
Os Mirantes de São Luis

A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DOS SELOS **CAP. 14 - INVASÕES HOLANDEASAS**

As invasões holandesas no Brasil ocorreram durante o século XVII, na tentativa de ocupação do Nordeste brasileiro pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais.

As invasões holandesas foram o maior conflito político-militar da colônia. Embora concentradas no atual Nordeste, não se resumiram a um episódio regional. Fizeram parte dela outros países da Europa, numa tentativa de controlar a produção e comércio do açúcar e o tráfico de escravos da África.

A INVASÃO DE SALVADOR (1624-1625)

Em 10 de Maio de 1624 uma expedição holandesa com vinte e seis navios com cerca de mil e setecentos homens atacou e conquistou a cidade. Em pânico, os habitantes retiraram-se para o interior. O Governador-Geral, Diogo de Mendonça Furtado, seu filho e alguns oficiais foram aprisionados e enviados para os Países Baixos. A administração da cidade passou a ser exercida pelo fidalgo holandês Johan van Dorth. O Governador da Capitania de Pernambuco, Matias de Albuquerque foi nomeado Governador-Geral, administrando a colônia a partir de Olinda, e enviando reforços para a guerrilha no Arraial do Rio Vermelho e no Recôncavo.

Em 1625 a Espanha enviou, como reforço, uma poderosa armada de cinquenta e dois navios com cerca de doze mil homens a maior então enviada aos mares do Sul: a famosa Jornada dos Vassalos. Essa expedição derrotou e expulsou os invasores holandeses a 1 de maio desse mesmo ano.

A INVASÃO DE OLINDA E RECIFE (1630-1654)

O enorme gasto com a invasão às terras da Bahia foi recuperado quatro anos mais tarde, num audacioso ato de corso quando, no mar do Caribe, o Almirante holandês Piet Heyn saqueou a frota espanhola que transportava o carregamento anual de prata extraída nas colônias americanas.

Com esta prata roubada dos espanhóis, os holandeses armaram nova expedição, desta vez contra a mais rica de todas as possessões portuguesas. O seu objetivo era o de restaurar o comércio do açúcar com os Países Baixos, proibido pela Coroa da Espanha. Com uma frota de sessenta e sete navios e cerca de sete mil homens sob o comando do almirante Hendrick Lonck, ataca Pernambuco onde, em fevereiro de



Bloco RHM B-152

1630, conquista Olinda e depois Recife. Os holandeses enviam depois, mais de seis mil homens para assegurar a conquista desta parte do território.

A aquisição de mão de obra escrava tornou-se imprescindível para o

A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DOS SELOS CAP. 14 - INVASÕES HOLANDESAS



RHM C-472
1962 - Tricentenário da morte de
Henrique Dias



RHM C-2409 - Primeira Sinagoga nas
Américas - Recife/PE

sucesso da colonização holandesa. Por essa razão, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais começou a traficar escravos da África para o Brasil.

A RESISTÊNCIA

A resistência, liderada por Matias de Albuquerque, concentrou-se no Arraial do Bom Jesus, nos arredores do Recife. Através de táticas indígenas de combate (campanha de guerrilhas), confinou o invasor às fortificações no perímetro urbano de Olinda e seu porto, Recife.

Por conta de uma administração holandesa mais liberal e com injeção de capital, alguns senhores de engenho de cana-de-açúcar aceitaram a administração da Companhia das Índias Ocidentais por aumentarem o desenvolvimento de seus negócios. O melhor representante dos senhores de engenho foi Domingos Fernandes Calabar, considerado como um traidor ao apoiar as forças de ocupação e a administração neerlandesa.

Destacaram-se nesta fase de resistência luso-brasileira líderes militares como Martim Soares Moreno, Filipe Camarão, Henrique Dias e Francisco Rebelo (o Rebelinho).

Com a invasão da Paraíba (1634) e as conquistas do Arraial do Bom Jesus e do cabo de Santo Agostinho (1635), as forças comandadas por Matias de Albuquerque entraram em colapso e se viram forçadas a recuar na direção do rio São Francisco.

O GOVERNO DE JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU-SIEGEN (1637-1644)

Vencida a resistência luso-brasileira, com o auxílio (traição) de Calabar, foi nomeado o conde Maurício de Nassau para administrar a conquista.

Culto e liberal, foi tolerante com a imigração de judeus e protestantes, que o apoiavam contra o Reino de Portugal na sua conquista do território brasileiro, e trouxe consigo artistas e cientistas para estudar as potencialidades da terra.

Preocupou-se com a recuperação da produção do açúcar, prejudicada pelas lutas, concedendo créditos e vendendo em leilão público os engenhos conquistados. Cuidou da questão do abastecimento e da mão de obra, da administração e fez uma reforma urbanística no Recife, chamada de Cidade Maurícia. Concedeu liberdade religiosa, registrando-se a fundação, no Recife, da primeira sinagoga do continente americano.

A HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DOS SELOS

CAP. 14 - INVASÕES HOLANDEASAS

Em novembro de 1640, outra expedição holandesa tomou a Ilha de São Luís. Colonos portugueses e jesuítas se estabeleceram em Tapuitapera. O principal líder da resistência foi Antônio Muniz Barreiros. Em 1643 chegaram reforços do Pará liderados por João Vale do Velho e Bento Maciel Parente. As lutas para expulsão dos holandeses se estenderam-se até 28 de fevereiro de 1644.

Em dezembro de 1640 Portugal se separou da Espanha, o possibilitando a formação de uma aliança com a Inglaterra para combater a Holanda.

A INSURREIÇÃO PERNAMBUCANA

Também conhecida como Guerra da Luz Divina expulsou os holandeses do Brasil, integrando as forças lideradas pelos senhores de engenho André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, pelo afrodescendente Henrique Dias e pelo indígena Filipe Camarão.

A Restauração Portuguesa em 1640 conduziu à assinatura de uma trégua de dez anos entre Portugal e os Países Baixos. Com este abalo ao domínio espanhol, a guerra de independência dos Países Baixos prosseguiu.

Na região Nordeste, sob domínio da Companhia Holandesa, Maurício de Nassau foi substituído na administração. Os novos administradores da companhia passaram a cobrar as dívidas aos senhores de engenho, política que conduziu à Insurreição Pernambucana de 1645 e que culminou com a extinção do domínio holandês após a segunda Batalha dos Guararapes.

Formalmente, a rendição foi assinada em 26 de Janeiro de 1654 na campina do Taborda, mas só provocou efeitos plenos, em 6 de agosto de 1661, com a assinatura da Paz de Haia, onde Portugal concordou em indenizar os Países Baixos com duas colônias, o Ceilão (atual Sri Lanka) e as ilhas Molucas (parte da atual Indonésia), e oito milhões de florins, equivalente a sessenta e três toneladas de ouro, que foram pagos em prestações ao longo de quarenta anos e sob a ameaça de invasão da Marinha de Guerra.

CONSEQUÊNCIAS

Os holandeses passaram a dominar todas as etapas da produção do açúcar e com sua saída do nordeste passaram a investir na região das Antilhas.

O custo do açúcar nas Antilhas era menor do que o do Brasil, sem impostos sobre a mão de obra e menor distância da

Europa. Portugal não conseguiu acompanhar os preços, mergulhando, junto a metrópole em uma crise financeira que só melhorou com a descoberta do ouro nas Minas Gerais.

Houve também uma miscigenação do holandês com todos os povos que habitavam o nordeste: o branco português, os índios da terra e os negros escravizados, já que vieram poucas mulheres com a invasão.



RHM C-243
Tricentenário da Segunda
Batalha de Guararapes



RHM A-71
Tricentenário da Segunda
Batalha de Guararapes